



FAXINFORME

CLIPPING

Expresso

REVISTA

Tiragem: 123.400

Área: 740cm²/ 28%

Data: 18.08.2012

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Seção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:66;67



logout

VAMOS SAIR



FILOMENA MÓNICA E A LISBOA, QUE A ESTIMULA A ANDAR A PÉ

A escritora calcorreou as ruas da capital. Da Lapa até ao Chiado e ainda à Gulbenkian, para olhar o mar num quadro

A Lapa é um péssimo bairro para caminhar. Assim como toda a Lisboa que se estende pelas sete colinas. São as pernas de Maria Filomena Mónica que se queixam. As mesmas pernas que a obrigam a caminhar durante quarenta minutos, dia sim, dia não, até ao Jardim da Estrela. Prescrição médica para os males do corpo. Um tormento aliviado pelas óperas de Puccini e Bellini que ouve em loop no leitor de mp3, Lapa acima, Lapa abaixo. Conhece aquelas artérias como a sua casa. Por isso, o encontro foi marcado num restaurante vizinho do seu bairro, na Madragoa, que é um dos seus

preferidos: A Travessa. É onde leva os amigos estrangeiros para apresentar a cidade. É naquelas mesas no Convento das Bernardas que se encontra com os amigos mais chegados. Como o realizador António Pedro Vasconcelos ou o escritor e ensaísta Vasco Pulido Valente. "Costumava frequentar esta casa quando estava localizada na Travessa das Inglesinhas e tinha preços mais em conta. Agora, venho em ocasiões especiais."

Todas as paredes do lugar contam histórias de séculos. Decorado em jeito rústico, é um dos mais conceituados sítios de bem comer em Lisboa. António Moita, o proprietário, atende a socióloga na esplanada virada para os claustros. E é ele quem comanda o pedido. Maria Filomena Mónica deixa-se seduzir por um lombo de peixe-galo preparado em emulsão de champanhe. Soa bem. E vem parar ao prato. Mas antes aterram na mesa surpresas sem pedido. Como uns ovos mexidos com cogumelos selvagens que chegam a fervilhar na própria frigideira. E não há como mandar para trás. Enquanto almoça, confessa que o palato não é um sentido que tenta apurar, mas que gosta de estar à mesa com amigos ("só tenho quatro amigos") a falar sobre escritos, sobre

o chato que é envelhecer e sobre o quão divertido é dizer mal de políticos ou colegas. "Maldades lúdicas. Porque o que me aproxima das pessoas, em última análise, é o sentido de humor."

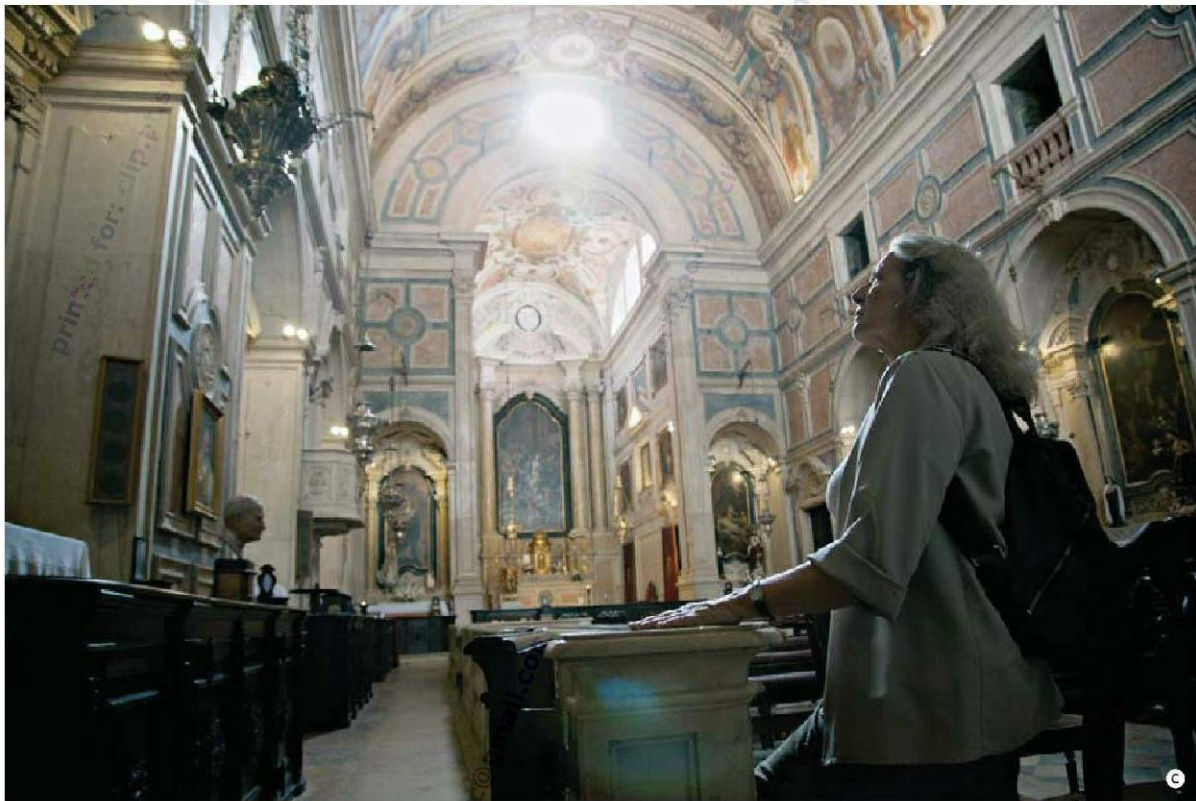
A autora, que está a um ano de distância dos 70, fala do livro "A Morte", que acaba de escrever. "O António Pedro Vasconcelos e o António Barreto acham que são eternos. O que equilibra um bocado a minha visão de achar que morrerei amanhã." Isso não lhe tira o apetite à mesa? "A morte? Não", responde de supetão. E com graça bebe de um trago um copo de grappa, bebida italiana feita de bagaço.

Hora de partir para o Chiado e visitar a recém-restaurada Igreja do Sacramento. Ao chegar à Rua Garrett, conta o hábito que tem de levar os netos à Fnac para lhes comprar os livros que eles queiram e depois comerem gelados na Häagen-Dazs.

Passa na antiga Casa Pereira para comprar torradas e segue para, na escondida Calçada do Sacramento, visitar a igreja que ali existe desde o século XVII, pós-terramoto, mas agora com nova cara. A socióloga deu por isso numa visita com o seu pequeno neto, em que lhe mostrou o que era um confessional, para quando ele se portasse mal. "Mas ele ainda não sabe o que é o Inferno." De olhos nas paredes e no teto, elogia a rica estatuária e os painéis impressionantes de Pedro Alexandrino. "Quero alertar para joias como esta, que temos na cidade. Gosto destes ambientes de silêncio. Sinto-me bem nas igrejas. Mesmo que a intenção não seja religiosa, porque sou agnóstica." Dali segue para o Museu da Gulbenkian, para olhar mais uma vez um dos seus quadros preferi-



Julgo que há aqui uma gralha. Onde está escrito "só tenho quatro amigos" deve ler-se "ainda tenho quatro amigos". Quem já leu "Bilhete de Identidade, Autobiografia 1943-1976" percebe logo.



FOTOGRAFIAS DE JOSÉ VENCINHA



ENCONTRO MÓNICA CRUZOU-SE COM EDUARDO LOURENÇO NA EXPOSIÇÃO "TAREFAS INFINITAS"

O ROTEIRO DE MARIA FILOMENA MÓNICA

As escolhas da escritora e socióloga em Lisboa

- Travessa: Travessa do Convento das Bernardas, 12
- Casa Pereira: Rua Garrett, 38
- Igreja do Sacramento: Calçada do Sacramento, 11
- Museu Calouste Gulbenkian: Avenida de Berna, 45 A



dos, "A Tempestade", do britânico Joseph Turner, o pintor do mar. Uma obra que lhe passou a dizer mais depois de escrever "Os Cantos — A Tragédia de Uma Família Açoriana", que retrata a vida de José do Canto, um importante e visionário empreendedor micaelense do sector agrícola que marcou a economia do século XIX nos Açores. "Passei a pensar sobre o mar. Nós somos os heróis do mar. E este pintor retrata bem o sentido de tragédia e ferocidade que o Atlântico tem." Ainda passa pela exposição "Tarefas Infinitas", que questiona as dimensões

artísticas do livro. A socióloga não gosta. E dá de caras com o professor e filósofo Eduardo Lourenço, que se encontrava também a explorar aquele labirinto de livros. "Isto é muito pretensioso", diz Filomena. Eduardo Lourenço responde: "Também me deixou perplexo. Eu não sou desta idade, mas tenho ideia que deve ser das exposições mais originais que já vi." ● **BERNARDO MENDONÇA**

Veja esta reportagem, hoje no **Jornal da Noite**, da SIC